



arte na escola[®]



Dançando para ensinar a dançar

Autora dos livros “Dançando na Escola” e “Ensino de Dança Hoje” e prestes a lançar também “Linguagem da Dança: arte e ensino”, Isabel Marques é a nossa entrevistada.

Educação Física ou Arte?

Que lugar a Dança deve ocupar na escola? Saiba o que pensam professores e profissionais de Dança e o que dizem os documentos oficiais do MEC sobre o assunto.

Formar é preciso

Seja na área de Arte ou de Educação Física, especialistas convergem numa mesma direção: a necessidade de formação específica para professores que ensinam Dança.

Este Boletim Arte na Escola, dedicado à Dança, traz uma constatação que dá o que pensar: se a formação inicial para o ensino da Arte já é deficiente, para o ensino da Dança não só temos muito menos professores (de Arte) capacitados como também a legislação é confusa e outorga a disciplina tanto à Educação Física quanto à Arte. O que fazer com este cenário, no mínimo, obscuro? O Boletim traz uma interessante entrevista com Isabel Marques que indica possibilidades. Mas e que tal usar este limão para fazer uma bela limonada? Como ficaria, por exemplo, uma parceria entre o professor de Educação Física e o de Arte que poderiam somar esforços para ministrar aulas de Dança em que a prática se solidificaria na Contextualização e na Reflexão? O aluno estaria aprofundando conteúdos muito prazerosos na medida em que mobilizam a expressão corporal e, de lambuja, a mísera hora semanal disponível para Artes estaria sendo duplicada - o que já é um ganho em si mesmo.

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

2

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe,
Helânia Cunha de Sousa
Cardoso, Sebastião
Gomes Pedrosa, Sílvia
Sell Duarte Pillotto

Editora

Silvana Claudio

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB
20.168/SP

Redação

Fábio Galvão,
Cecília Galvão e
Raquel Zardetto
(CGC Educação)

Projeto Gráfico

Zozí

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para:
Instituto Arte na Escola;
Alameda Tietê, 618 –
casa 3 CEP 01417-020,
São Paulo, SP Fone (11)
3103.8080
contato@artenaescola.org.br

Qual a melhor cena de dança que você já viu?

➤ A cena que mexe muito comigo é a do grupo inglês "DV8 Physical Theatre - Strange Fish". Eles chamam de teatro físico. Ao assistir os dançarinos sinto suas almas.

http://www.youtube.com/watch?v=seSPEAGk_gY&feature=related

<http://www.youtube.com/watch?v=gTX7cWGjbu8>

Pin Nogueira / São Paulo - São Paulo

➤ Um espetáculo que sempre me vem à mente é o "Período Villa Villa", do grupo argentino De La Guarda. A platéia foi disposta no centro do espaço cênico. Não havia poltronas. Os artistas transitavam entre os espectadores, pelas laterais e também pelo espaço acima de nossas cabeças, produzindo uma energia contagiante, fazendo-nos querer participar das cenas, sentindo a movimentação cênica de forma singular. Foi inesquecível.

<http://www.delaguarda.com>

Wagner Rosa / Londrina - Paraná

➤ A melhor cena de dança que eu já vi foi da Quasar Companhia de Dança, de Goiânia. A coreografia "Mulheres", com Lavinia Bizzoto e Gica Alioto, me emociona até hoje. A música é linda, a coreografia um espetáculo e a descida da Gica pelos braços da Lavinia é fantástica!

<http://www.quasarciadedanca.com.br/mulheres.html>

Rousejanny Ferreira / Goiânia - Goiás

➤ Um dos espetáculos que mais me impressionou chama-se "Idéias de Teto", da Sua Cia de Dança, dirigido por Clara Trigo. As intérpretes-dançarinas parecem desafiar as leis da gravidade se colocando a dançar de ponta a cabeça. O espetáculo é pura poesia e contou com uma equipe multidisciplinar para a sua concepção.

<http://www.youtube.com/watch?v=ocXS-np1oAU&feature=related>

Victor Venas / Feira de Santana - Bahia

➤ O tango da versão nova do filme "Perfume de Mulher", com Al Pacino

<http://www.youtube.com/watch?v=AkJ8tO8bf3A>

Daiana Camargo / Ponta Grossa - Paraná

ILUSTRADORA CONVIDADA

Ana Teixeira

A série de fotografias "E se ela um dia despencar do céu", da artista plástica e Mestre em Poéticas Visuais pela ECA/USP, Ana Teixeira, ilustram esta edição.



www.anateixeira.com

Em relação ao ensino da Dança, apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte que “no Brasil, a sua presença oficial (curricular) nas escolas, na maioria dos Estados, apresenta-se como parte dos conteúdos de Educação Física (prioritariamente) e/ou de Educação Artística (quase sempre sob o título de Artes Cênicas, juntamente com Teatro)”. Especialistas nas áreas de Arte e de Educação Física analisam o cenário e convergem numa mesma direção: a necessidade de formação dos profissionais que ensinam Dança nas escolas.

ARTE > Os documentos oficiais, dentre eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte (1997, p. 49), ressaltam que a “dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva”, considerando-a “como fonte de comunicação e de criação informada nas culturas”, desta forma, é entendida como conteúdo, ou seja, “uma atividade lúdica que permite a experimentação e a criação”.

Cabem, então, questionamentos em relação à natureza da formação dos professores de Dança no Brasil, suas implicações e seus reflexos na política educacional do ensino público. Ao considerar que a Dança é um conteúdo de ensino, vale a reflexão: por que e para que fazer um curso superior em Dança?

A Dança é uma linguagem da Arte e sua aprendizagem exige exercitar o olhar sensível, a percepção estética e a comunicação através da expressão corporal para que a fruição que a Dança propõe seja percebida em sua totalidade.

Ao compreender a Dança enquanto uma linguagem da Arte e as implicações para sua apropriação há de se problematizar:

1) o espaço que o ensino da Dança ocupa nos currículos de Arte e de Educação Física são suficientes para que os alunos possam se apropriar dessa linguagem?

2) A disciplina de Dança no Curso Superior de Arte e de Educação Física e sua carga-horária são suficientes para formar professores com condições para ensinar a linguagem da dança?

3) Será que o aumento da oferta de Cursos Superiores de Dança e a criação da Dança enquanto disciplina no Ensino Básico não poderia ser uma alternativa para equacionar esse problema?

Isso possibilitaria além de maior investimento para aquele que exerce a profissão de professor, a ampliação da atuação dos profissionais de Dança no Ensino Básico que hoje estão restritos àqueles que possuem formação em Artes e Educação Física. E, principalmente, mais possibilidade de que os alunos se apropriem da linguagem da Dança enquanto manifestação artística e cultural, ministrada por um profissional com formação específica na sua área de conhecimento

Maria Angélica Maiole Brognoli - Graduada em Educação Artística - UFPR, Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Artes, bailarina, Coordenadora da Escola Municipal de Ballet da Casa da Cultura de Joinville-SC.

EDUCAÇÃO FÍSICA > O ensino de Dança passeia pela escola através da intervenção pedagógica de diferentes professores/as, com diferentes formações e sentidos; ora é uma brincadeira, ora um exercício, ora uma possibilidade de exposição, e poucas vezes é proporcionado aos alunos um estudo das suas variadas formas de manifestação.

A Dança se faz presente, mesmo que de forma precária, nas salas de aula da educação infantil, uma vez que jogos e danças estão em seus cursos de formação, a partir de disciplinas como psicomotricidade, recreação, folclore, corpo e cultura etc. Também está na Educação Física e na Arte, tratada por professores que já cursaram algumas disciplinas na formação e/ou já tiveram experiência com dança ou em alguns poucos casos, mais recentemente, por professores formados em Dança.

Frente a esse campo amplo, nossa preocupação central é compreender como os profissionais de Educação Física aproximam-se do conhecimento de Dança na escola com a formação na qual a Dança é parte constitutiva. Reconheço a crítica à presença da Dança na Educação Física, que aponta a sua redução ao movimento, ao ritmo, às manifestações folclóricas, a aspectos ligados à saúde. No entanto, é necessário reconhecer os avanços nesta discussão e o papel fundamental da Educação Física na ampliação de estudos acerca da Dança como área de conhecimento e como conhecimento a ser estudado na escola.

É necessário rediscutir a formação profissional em Educação Física e Arte na recuperação das demandas que essas áreas não trataram com qualidade. Arrisco polemizar que a necessidade de ampliação dessa discussão é premente, pois ao refletir sobre "Vamos ensinar dança na escola?" teremos de fazê-lo respeitando as particularidades dos cursos de Dança e de Educação Física. É mister superar a ideia da formação de professores com base em uma Educação Física na perspectiva esportivizante e de uma arte como performance.

Compreendo o desafio para o diálogo entre as áreas de Dança e Educação Física. É fato que há um paradoxo nas escolas. Lá, professores de Arte, Dança e Educação Física pouco dialogam. O que poderia ser um excedente de importância para a Dança, ter dois cursos tratando-a na formação, ter duas possibilidades de ser vivenciada por currículos distintos, quem sabe até com perspectivas distintas, não é uma realidade, pois ter a Dança como conhecimento a ser estudado na escola ainda é um “luxo” quase inexistente.

A Dança na escola é Arte ou Educação Física?

O ensino da Dança nas escolas brasileiras está evoluindo, mas ainda não encontrou o seu "espaço", o seu "eixo". A confusão está nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, dos Estados e Municípios, já que a Dança ora está incluída em Arte, ora faz parte da Educação Física.

»» A Dança também encontra um dilema dentro destas próprias disciplinas. Em Artes, fica dividida com Artes Visuais, Música e Teatro. Em Educação Física, concorre com as práticas esportivas, como futebol; ginástica e lutas. É comum a Dança aparecer na escola só em festas folclóricas e nas datas comemorativas.

Outro desafio é a formação do professor. Embora a Dança venha ganhando valor, principalmente nas escolas de educação integral e na abertura de cursos de licenciatura específicos, ainda há poucos professores formados em Dança. Não há estatísticas oficiais sobre o número de professores de Dança, mas há no Brasil hoje 25 cursos de graduação e licenciatura em Dança, 15 deles públicos.

Além destes problemas, a Dança nas escolas enfrenta um inimigo mais perigoso e dissimulado: o preconceito. Em muitos lugares, a Dança ainda é vista como "coisa de menina" e "balé clássico".

Para saber como a Dança é ensinada e como valorizá-la como área do conhecimento, o Instituto Arte na Escola conversou com cinco especialistas.

Na opinião da professora Sílvia Pillotto, coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação da Univille e da Fundação Cultural de Joinville, "se a Arte é compreendida como linguagem artística e que tem em seus pressupostos aspectos estético-culturais, oportunizando a apropriação de saberes e conhecimentos na Dança enquanto manifestação de arte, sem dúvida, está integrada na disciplina de Arte".

TEXTOS LEGAIS

Nos textos legais do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais não há consenso sobre o lugar da Dança. No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a Dança aparece associada a brincadeiras e jogos esportivos e distante das práticas inerentes a ela. "A aprendizagem da Dança pelas crianças não pode estar determinada pela marcação e definição de coreografias pelos adultos", diz o texto.

No primeiro ciclo do fundamental, os PCNs priorizam a Dança como linguagem artística, com conteúdos próprios, critérios de avaliação e orientações didáticas. Mas a parte dedicada à Educação Física também traz muitas referências à Dança, sempre ligada a "jogos, esportes, lutas e ginásticas".

Crís Mara Corrêa, professora de Dança Criativa na Creche e Pré-Escola da Universidade de São Paulo, acredita que a

Dança deve estar dentro das linguagens artísticas. "A Dança engloba a sensibilidade e expressa a história de uma determinada cultura de um povo. Dançar é um trabalho de criação artística", afirma. Para ela, as aulas de educação física "visam mais aos aspectos do desenvolvimento do corpo físico, das capacidades motoras do ser humano".

Em São Paulo, as orientações curriculares da Secretaria Municipal colocam a Dança na disciplina de Educação Física. Já na rede estadual, embora apareça também na Educação Física, a Dança recebe mais ênfase nas Artes. Na 7ª série do fundamental, por exemplo, o texto coloca lado a lado a capoeira, hip-hop, balé clássico, dança moderna, corpo virtual e até cyberdança.

O Referencial Curricular do Rio Grande do Sul oferece um bom material sobre o ensino da Dança, dentro de Artes. Há os chamados temas estruturantes, divididos em cinco itens, e estratégias de ação para o professor em sala de aula. Em Goiás, o currículo de Artes aborda uma matriz específica para a Dança, dividida em quatro conceitos básicos e com expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Um dos maiores entraves para o avanço da Dança como área do conhecimento é a formação do professor. Para o coordenador pedagógico do Polo Arte na Escola na Universidade Estadual do Amazonas, Valdemir de Oliveira, o problema é histórico. "A história da Educação no Brasil tem sua base toda centrada nas artes visuais", destaca. Ele critica "a falta de ética na maioria das escolas". "Elas não respeitam o trabalho dos professores e os obrigam a ministrarem disciplinas sem formação específica", disse. Valdemir constata que a Dança, tal como teatro, "fica muito distante das práticas pedagógicas dos professores, restringindo-se a danças folclóricas, geralmente ligadas a datas comemorativas".

Daniela Libaneo, mestre em Artes Corporais pela Unicamp e bailarina profissional, acredita que o poder público está apoiando mais a Dança. "Temos investido na formação dos professores de Arte para eles ao menos entenderem o que é a Dança como área de conhecimento", afirma.

Na visão da professora Elisângela Chaves, do departamento de Educação Física da Unimontes, a Dança é preterida na formação. "Assim como o esporte se destaca na Educação Física, as Artes Visuais se destacam nas Artes", »»

» afirma. Para ela, é preciso "intervir na tradição da cultura escolar, da Dança como apêndice, e valorizar esta formação mais ampla da corporeidade do aluno".

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Dividida e espremida no currículo formal, a Dança vem encontrando um novo espaço de aprendizagem: a escola de educação integral. Um bom exemplo é Joinville (SC), onde a Secretaria de Educação e o Polo do Arte na Escola – Casa da Cultura estão desenvolvendo a partir da Formação Continuada, tendo como parâmetro o projeto "Saber e Acontecer", iniciado em 2009, com o envolvimento de professores de Arte e Educação Física da Rede Municipal de Educação.

"Estamos realizando formação em cada uma das linguagens de Artes no intuito de que os professores possam concretizar nas escolas ações pautadas em concepções da Arte como integradora", explica Sílvia Pillotto. "Na área da Dança todos os professores têm formação em Educação Física e o foco desta formação é a dança-educação, ou seja, o ensino da Dança não apenas como produção artística, o que exigiria um professor com formação específica, mas como área de conhecimento em que o corpo é trabalhado em um processo de descoberta de possibilidades de expressão".

Para Cristina Mara, da USP, "o que precisa acontecer é a Dança fazer parte do currículo das escolas, como a matemática, português e outras disciplinas". No entanto, frisa ela, "na faixa etária de 4 a 6 anos a linguagem escrita passa a ser foco principal do trabalho com as crianças, fazendo com que outras linguagens sejam colocadas em segundo plano".

Valdemir de Oliveira destaca que a educação de tempo integral torna mais viável o desenvolvimento da Dança no contexto escolar. "Se considerarmos a média de 40 minutos de uma aula de arte e o tempo de 'aquecimento' do corpo para o início das atividades específicas, torna-se inviável o desenvolvimento da Dança no horário regular". Ele alerta, no entanto, para algumas concepções erradas sobre educação integral, como colocar a Dança apenas no contra-turno.

PRECONCEITOS

A discriminação contra a Dança no ambiente escolar é um fato, admitem os especialistas ouvidos pelo Arte na Escola. Mas será que o preconceito está mesmo na escola? Ou a escola é apenas uma vítima dele?

Sílvia Pillotto reconhece que há preconceito e alerta: "se isto acontece é porque se criou uma cultura de preconceito que vem do adulto e invade a alma das crianças e adolescentes; o preconceito é muito maior nos adultos que relacionam a Dança ao gênero".

Para Cristina Mara, a sociedade é machista. "Em nossa sociedade ocidental, o que é valorizado como Dança é o balé clássico, com a leveza e suavidade dos gestos. Além do enorme preconceito, muito ultrapassado, de que o homem que faz balé é homossexual.", diz.

Daniela Libaneo culpa os gestores por entenderem "que o movimento corporal 'desorganizam' a rotina escolar". Sobre o preconceito de gênero, ela acredita que isto está mudando. "Nos últimos anos, com alunos de ensino médio e das periferias de São Paulo, os meninos têm se mostrado tão motivados quanto meninas em relação à Dança por causa do hip hop", conta.

Elisângela Chaves pensa que o preconceito está muito ligado ao estilo de Dança. "As manifestações de hip hop ou Dança de rua são mais bem aceitas. (O preconceito) depende muito do encaminhamento pedagógico da proposta", afirma.

Valdemir de Oliveira concorda que o preconceito "não existe nas escolas, ele chega até lá". Para ele, a desinformação contribui para uma visão deturpada da Dança. "Uma vez reconhecida e comprovada a contribuição da Arte na formação do discente, não nos caberia fazer juízo de valor sobre questões de opção sexual ou mesmo sexualidade. Nesses casos o que é evidente é a desinformação", afirma.

O FUTURO

Para conquistar seu lugar na escola, a Dança deve ser reconhecida como expressão autêntica da nova sociedade do conhecimento. E precisa também atrair os jovens talentos. "A Dança/educação deve permear o universo do encantamento, do conhecimento e da construção de saberes", diz Sílvia Pillotto.

Cristina Mara cobra mais debates. "Acredito que espaços de discussões sobre o tema são fundamentais para que possamos avançar no sentido de entender a Dança como uma linguagem".

A bailarina Daniela Libaneo cita o pianista João Carlos Martins: "é preciso que o professor/artista tenha vida vivida, se não terá pouco a dizer com sua arte".

Elisângela Chaves diz que é necessário levar a Dança para dentro do espaço escolar. "Somos um país dançante, gostamos da Dança, sistematizá-la na escola é uma questão de mudanças culturais no universo da escolarização".

Valdemir de Oliveira dá um recado aos jovens que estão pensando em ser professores de Dança e para os professores que pensam em fazer uma especialização. "É necessário um amor verdadeiro pela área artística, sustentado em uma sólida formação e constante atualização. Não devemos esperar 'receber flores'. Seremos nós que teremos que plantá-las e com sorte e persistência poder colhê-las. Quando esse sentimento de profissionalismo é atingido, por onde você passe, todos sentirão seu perfume". <<

REFERÊNCIAS

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>

Parâmetro Curricular de Educação Física Fundamental 1

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>

Parâmetro Curricular de Artes Fundamental 1

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>

Proposta Curricular do Estado de São Paulo Fundamental 1

<http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/EnsinoFundCicloI/PropostaCurricular/tabid/1026/Default.aspx>

Programa de orientações curriculares da prefeitura de São Paulo

<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/BibliPed/Anonimo/ColecaoOrientacoesCurriculares.aspx>

Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul

http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/refer_curric.jsp?ACAO=aca01



Vamos tirar os sapatos!



Isabel Marques é uma das pessoas que mais conhece o ensino da Dança no Brasil. Autora dos livros “Dançando na Escola” e “Ensino de Dança Hoje”, fez cursos no exterior, ajudou a escrever os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Dança e hoje dirige a Caleidos Cia. de Dança. Nesta entrevista, ela faz um balanço da Dança nas escolas e dá ótimas dicas para os professores.

» Passados 15 anos da introdução legal da Arte como conhecimento, qual o balanço que você faz hoje da Dança nas escolas brasileiras?

O reconhecimento mesmo da Dança como área de conhecimento veio depois da publicação dos PCNs. Os trabalhos curriculares estão se consolidando, devagarzinho. Tenho acompanhado de perto o trabalho de várias escolas municipais de São Paulo e percebo o crescimento em relação a como a Dança está sendo ensinada, é um ganho bastante grande. Pelo Brasil afora acredito que ainda não podemos dizer que a Dança foi realmente “implantada”, ou assumida pelas escolas: ainda depende da gestão de governo, das diretoras, do ímpeto das coordenadoras e do corpo docente que nem sempre se interessa ou sabe o que fazer com a Dança dentro da escola. Com o crescimento das ONGs, dos projetos sociais, dos programas especiais das Secretarias de Cultura, o ensino de Dança se “espalhou” de outra forma, está pulverizado, mas, com certeza, acontecendo de forma bem mais consistente do que há 15 anos.

Os PCNs dividem o ensino da Dança nas disciplinas de Artes e Educação Física. Qual é a melhor para ensinar a Dança?

Essa questão continua sendo uma polêmica muito grande. Não sei se será um dia resolvida, pois há bons argumentos para os dois lados. Por isso mesmo, na época da escrita do documento, resolvemos (fiz a escrita dos PCNs de Dança de 5ª a 8ª, sob coordenação de Heloísa Ferraz e Rosa Iavelberg) dividir o conteúdo: a Educação Física ficou com os repertórios de danças populares brasileiras e Arte com a concepção de linguagem artística. Mesmo levando em consideração as peculiaridades de cada localidade (em muitos Estados as pessoas “da dança” vão para a Educação Física por falta de opção de cur-

sos de ensino superior em Dança) continuo achando que a Dança deve estar na área de Arte, por ser linguagem artística e não recurso educacional ou modalidade. Não acho que deva haver animosidades entre professores das áreas e sim reconhecermos que a abordagem da Dança como Arte é completamente diferente da abordagem da Dança na Educação Física.

Como estruturar um bom curso de Dança na escola, que estimule a criatividade e torne a Dança significativa?

Não tenho soluções, somente pensamentos, discussões, propostas a serem elaboradas em cada escola, por cada professor. Falemos idealmente: em primeiro lugar, um “bom” curso necessita de “bons” professores de Dança, com um mínimo de vivência artística e pedagógica – quantos professores que querem ensinar Dança nas escolas nunca tiraram os próprios sapatos! Para começar, o professor deve ter Dança no corpo, acreditar que essa linguagem artística vai sim fazer diferença na educação de todos, inclusive dele mesmo. Em segundo estudar muito tudo o que já foi discutido, sugerido, trabalhado sobre ensino de Dança nesse planeta: não adianta ser só artista. A formação do professor é essencial, não há como desviar do assunto – temos ainda poucos professores de Dança nas escolas, embora esse número venha crescendo de forma bem interessante. Por facilidade, desinteresse, ignorância muitos professores sem formação artística ainda copiam danças e reproduzem nos alunos; se não, elas mesmas criam as danças que os alunos devem executar, só que elas mesmas, muitas vezes, nunca passaram por processos criativos significativos, embasados artisticamente. O oposto também é verdadeiro: o artista que entra na escola muitas vezes não tem interesse, não quer ou não sabe o que fazer com os processos pedagógicos.

»» **Em seus livros “Ensino de Dança Hoje”, você diz que a formação do professor em Dança é precária no Brasil. Como aproximar mais os cursos de Licenciatura da escola?**

A realidade mudou muito desde que escrevi o “Ensino de Dança Hoje” (1996). Atualmente há inúmeros cursos de Licenciatura, principalmente nas universidades federais desenvolvendo trabalhos bem significativos no que diz respeito a entender os processos de dança não somente como treinamento técnico. As disciplinas de compreensão, leitura, criação estão mais presentes e ganham força na formação de professores. No que diz respeito à sala de aula, a universidade oferece os estágios, que também estão bem mais elaborados, cuidadosos, longos, mas continuam sendo estágios – é uma limitação do sistema. Quando estive na universidade na área de Licenciatura em Dança sempre trabalhei com projetos – a turma toda ia para uma mesma escola, fazíamos um projeto junto com essa escola, isso fazia diferença, pois era um projeto integrado de dois grupos: o grupo-escola e o grupo-universidade, com as alunas da licenciatura em Dança.

Você revela ainda o dilema entre o ensino teórico e prático da Dança. Como o professor pode dosar esta questão em sala de aula?

Quando falamos do “professor” que está na escola ensinando Dança nem sempre estamos nos referindo ao professor com Licenciatura em Dança. Gosto de diferenciar aquele professor que trabalha com atividades de dança (o Pedagogo, o Licenciado em Educação Artística) e aquele que conhece a Dança por ser sua área específica. No primeiro caso, nem sempre o professor tem um conhecimento teórico amplo da Dança (história, antropologia, estética, cinesiologia, etc), claro, pois não é sua área de formação. Nos dois casos percebo ainda que, quando há uma tentativa de trabalho teórico, a teoria e a prática de Dança caminham, nas escolas formais, um pouco separadas - em tempos curriculares separados. Acho que não é uma questão de dosagem, mas sim de diálogo.

Um tema analisado nos seus livros é a Dança natural entre as crianças. Como o professor da educação infantil e do ensino básico deve trabalhar a Dança com estas crianças?

O que coloco no texto do livro “Ensino de Dança Hoje” é a falácia – a inverdade – da dança natural das crianças. Nossos corpos não são “naturais”, pois desde a gestação já foi educado a ser e estar nas sociedades em que nascem e existem. A questão da suposta inocência da criança já foi amplamente discutida na literatura, inclusive do ensino de Arte (Ana Mae Barbosa há anos aborda o tema). Não sei por que, quando se trata do corpo que dança, a questão volta à tona de forma tão ingênua! Como trabalhar em sala de aula?

Com os corpos que ali estão, com suas construções sociais, com suas peculiaridades idiossincráticas, ou seja: com corpos humanos, cruzamentos de afetos, vivências, saberes, relacionamentos. A partir da abordagem da Dança como linguagem, podemos acessar esses corpos e com eles construir as danças que desejam e desejamos.

Na abordagem sobre a escola, você diz que muitos jovens adoram dançar fora da escola, mas não dentro dela. Quais as estratégias que o professor pode adotar para atrair o aluno para a Dança dentro da escola?

Não sei se o caso é atrair, mas reconhecer corpos, olhar e ver, conversar com o que os alunos trazem e saber/querer incentivá-los a ampliar seus saberes. Em geral não sabemos como “entrar” na dança dos alunos, mesmo porque, como profissionais da Dança, temos críticas sérias em relação às danças da mídia. Mas temos de saber ouvi-las, vê-las, apreciá-las, para criar pontes entre o que eles gostam de dançar e o universo escolar. A dança fora da escola tem outra função social. Temos de ter clareza qual a função social (cultural, política, artística) da dança na escola para não repetirmos de forma sem graça e sem sentido (sem contexto) aquilo que os jovens dançam em seus cotidianos. Não é só trazer a dança dos jovens para a escola, escolarizá-la, mas sim trabalhar seus sentidos, remexê-las, compreendê-las, desvelá-las e, claro, dançar muito. Se falhar o entusiasmo pelo aprendizado dos alunos, algo está errado!

Você revela na sua obra uma dúvida frequente: Como ensinar Dança na escola? Você já encontrou uma resposta?

Nos últimos 20 anos tenho desenvolvido uma metodologia própria para o ensino de dança/Arte, a proposta Metodológica da Arte/dança no Contexto. Em julho espero lançar o livro “Linguagem da Dança: arte e ensino”, que teve patrocínio da Funarte. Lá começo a sistematizar essas propostas por escrito. O livro em breve poderá ser comprado no site do Instituto Caleidos www.caleidos.com.br.

Você Dança?

Atualmente mais de 50% de minha vida profissional é dedicada à Caleidos Cia. de Dança, que dirijo com Fábio Brazil desde 1996! Essa é uma companhia que assume a interface da arte e da educação no sentido de trabalhar significativamente as relações público/platêia e não somente o ego do artista. Afinal, somos dois professores de Arte! Atualmente estou mais dedicada à direção, mas isso me deixa totalmente imersa no mundo do dançar. E, claro, a cada aula, é um dançar só - é dançando que se ensina e se aprende a dançar, não é mesmo?

caleidos@caleidos.com.br

Possibilidades de registros na avaliação no Ensino Fundamental I

» O Instituto Arte na Escola promoveu, no XXIII Encontro Nacional da Rede Arte na Escola, em Recife, de 13 a 15 de outubro de 2009, discussões sobre avaliação no ensino da Arte. Compuseram a programação do evento, quatro Grupos de Trabalho (GTs) que tiveram como proposta observar as concepções sobre a avaliação em arte em na educação básica.

A presente reflexão é fruto da discussão de um destes grupos (GT2) que analisou a avaliação no contexto do ensino fundamental I e contou com a participação de educadores de várias regiões do país, todos envolvidos na formação de professores em arte.

Para nortear a análise, foi utilizado o seguinte roteiro de questões: Qual a concepção de avaliação em arte? Que propostas de avaliação são coerentes diante dos percursos das aprendizagens? Em que contexto os processos de avaliação ocorreram? As relações entre objetivos, metodologias, expectativas de aprendizagens e instrumentos avaliativos são coerentes?

O trabalho teve início pelo relato de uma professora da cidade de São Paulo que desenvolveu um projeto de Música em uma escola pública com turma de terceiro ano. O foco do seu trabalho foi a mediação cultural para ampliar o repertório das crianças, descritas em ações que propunham momentos de apreciação musical, visita a espetáculos de música, discussão do repertório musical das crianças em rodas de conversa, construção de instrumentos, conhecimento de músicas clássicas, folclóricas, sessões de cantoria e contação de histórias sonoras. Durante o processo, a professora relata que as crianças tinham um diário de bordo (um caderno com anotações escritas e desenhos) e que com ele foi possível acompanhar as percepções e conquistas na aprendizagem das crianças.

O GT2 apontou que em muitos casos o problema maior não está nos instrumentos de avaliação, mas na compreensão de análise dos resultados, a problemática, portanto, envolve a concepção de avaliação.

Para Jussara Hoffmann (1999, p.17), “a avaliação é a reflexão transformada em ação, não podendo ser estática nem ter caráter sensitivo e classificatório”.

No relato analisado, o grupo percebeu que houve a avaliação diagnóstica e formativa, apresentada em momentos de diálogo entre professora e alunos. Fizeram parte do percurso, exploração de objetos sonoros, instrumentos, sessões de cantoria e visita a um espetáculo musical. Como instrumento, além do diário de bordo a professora utilizou a roda de conversa para fazer sondagens a respeito do que os alunos costumavam ouvir no convívio social e o que estavam descobrindo com o

repertório musical trazido para as aulas.

O portfólio foi outro instrumento de avaliação utilizado pela professora.

Para Fernando Hernandez (2000, p.165) “o portfólio permite que os alunos sintam a aprendizagem como algo próprio, pois cada um decide que trabalhos e momentos são representativos de sua trajetória”.

Possibilidades:

Os artistas possuem cadernos de anotações em que marcam sua trajetória de pesquisa e leituras de mundo. Esta pode ser uma proposta a fazer aos alunos: que cada um tenha seu próprio caderno de artista ou diário de bordo, com anotações cotidianas.

Buscar construir formas de registro pode ser uma maneira de perceber melhor a trajetória. Neste sentido, é importante estabelecer diálogos com os materiais e linguagens artísticas exploradas no percurso de aprendizagem. Exemplos:

- Sobre o portfólio, podemos propor que sua construção explore as linguagens desenvolvidas no percurso. No caso da Música, propõem-se a criação de portfólios sonoros, registrando os momentos de exploração de instrumentos, sessões de cantorias e apreciação musical, com gravações e fotos.

- Nas artes visuais, portfólios com imagens que contam a relação dos alunos no encontro significativo com obras de arte. Explorando na sua confecção, materiais que fizeram parte da proposta do fazer artístico das obras observadas.

- A produção de caderno de artista ou diários de bordo - com relatos dos alunos e suas principais impressões e conquistas na construção de saberes em arte - pode mostrar a essência do percurso vivido pelo educador e crianças.

Quando fazemos planos de aula sonhamos com a aprendizagem dos nossos alunos. No momento da avaliação precisamos voltar ao ponto de partida, aos nossos objetivos iniciais, sonhados no plano de ensino para avaliar durante e no final do percurso. A simbiose entre desejos iniciais, ações, expectativas e avaliação, pode fortalecer o trabalho realizado pelo professor.

É preciso refletir sobre a educação contemporânea que aponta para a concepção de avaliação como diagnóstica, processual e dinâmica em que o professor irá diagnosticar e melhorar o percurso a partir de decisões pedagógicas ao pensar em novas possibilidades. <<

Prof^ª Ms Solange Utuari e Prof^ª Dra Rosemary Aparecida Santiago - Coordenadoras do Polo Arte na Escola da Universidade Cruzeiro do Sul

8

REFERÊNCIAS

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual: Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: ADTMED, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-Escola à Universidade**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

OS ENDEREÇOS E DADOS PARA CONTATO COM OS POLOS E PARCEIROS DA REDE ARTE NA ESCOLA ESTÃO NO SITE www.artenaescola.org.br



Patrocínio
FUNDAÇÃO
IOCHPE